
A tetralogia camoniana de Jorge de Sena

Jorge de Sena's camonian tetralogy

Lucas Laurentino

Universidade Federal do Rio de Janeiro

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.nEsp.a1376>

RESUMO

O objetivo do artigo é traçar um panorama das principais obras escritas por Jorge de Sena a respeito de Camões. Pretende-se demonstrar que, mais do que uma sucessão de ensaios, esses estudos constituem partes de um extenso projeto que visava tanto uma reinterpretação geral da poesia camoniana quanto o desenvolvimento de um método crítico a ser aplicado em estudos literários e culturais. Daí a necessidade de se entender o papel de cada parte no mapa teórico-metodológico desenhado por Sena ao longo da década de 1960, assim como a de se verificar a pertinência e o impacto das suas análises nos estudos camonianos.

PALAVRAS-CHAVE: Jorge de Sena; Luís de Camões; *Os Lusíadas*; Crítica literária.

ABSTRACT

The objective of this article is to provide a comprehensive overview of the principal works authored by Jorge de Sena concerning Camões. It seeks to illustrate that these studies, rather than being a mere collection of essays, represent integral components of a broader project aimed both at a general re-interpretation of Camões' poetry and at the formulation of a critical methodology to be employed in literary and cultural studies.

Consequently, it is essential to comprehend the function of each component within the theoretical-methodological framework developed by Sena during the 1960s, as well as to assess the significance and impact of his analyses on Camões' scholarship.

KEYWORDS: Jorge de Sena; Luís de Camões; *Os Lusíadas*; Literary criticism.

Por mais que Camões ocupe uma posição de destaque na obra de Jorge de Sena, em especial no seu ensaísmo, essa interlocução ocorreu relativamente tarde. O primeiro texto seniano dedicado ao poeta data de 1948 e é intitulado "A poesia de Camões – ensaio de revelação da dialéctica camoniana", mas o segundo só aparece quase treze anos depois, em 1961, o artigo de jornal "O maneirismo de Camões". A essa altura, Sena já se encontrava exilado no Brasil e atuando como professor universitário pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, em São Paulo. Ao longo dos anos 1940 e 1950, o foco crítico do escritor é Fernando Pessoa, de quem ele inclusive edita um livro de prosa, *Páginas de doutrina estética* (1946). É justamente em 1960 que ocorre uma virada no interesse de Sena que, ao longo desta década, produzirá efusivamente sobre o autor d'*Os Lusíadas*. Jorge Fazenda Lourenço destaca essa mudança:

assim, entre 1940 e 1960, Jorge de Sena publica apenas um ensaio sobre Camões, contra uma dezena de textos sobre Fernando Pessoa e a edição de um volume de *Páginas de Doutrina Estética*. Depois de 1961, Jorge de Sena publica 13 textos sobre Camões, 2 prefácios a obras dele (*Os Lusíadas* e as *Rimas Várias*) comentadas por Manuel de Faria e Sousa, 3 livros de ensaio (*Uma Canção de Camões*, *Os Sonetos de Camões* e o *Soneto Quinhentista Peninsular* e *A Estrutura de Os Lusíadas e Outros Estudos Camonianos e de Poesia peninsular do Século XVI*) e o célebre 'Discurso da Guarda', proferido no 10 de Junho de 1977, enquanto os estudos pessoais

mantêm o ritmo anterior (de notar que a Introdução ao *Livro do Desassossego* e o estudo sobre o poema da ceifeira ficam inacabados e, é claro, inéditos) (Lourenço, 2012, p. 106-107).

Vale ressaltar que, além de parte desses estudos sobre Pessoa ter ficado inacabada, a extensão dos estudos camonianos é consideravelmente maior. A título de comparação, o volume *Fernando Pessoa e Cª heterónima* (1984) reúne os textos críticos de Sena sobre o poeta e tem aproximadamente 420 páginas. *Uma canção de Camões* (1984), sozinho, ultrapassa esse número. Ao todo, as obras sobre o poeta quinzentista somam mais de duas mil páginas, uma quantidade impressionante, de fato. Isso desconsiderando os textos de criação, o conto “Super flumina Babylonis”, de *Novas andanças do demónio* (1966), e os poemas “Camões dirige-se aos seus contemporâneos”, de *Metamorfoses* (1963), e *Camões na Ilha de Moçambique* (1973) (que integra a coletânea *Poesia-III*).

Diante de mudança tão abrupta e tão bem localizável no tempo, cabe a pergunta: o que aconteceu na vida ou no pensamento de Sena nesse período? Considerando que as suas ideias se mantiveram as mesmas, com maior ou menor aprofundamento em certos aspectos teóricos, a resposta deve se encontrar em algum dado biográfico. Com efeito, o exílio para o Brasil parece ter sido determinante na “virada” ensaística do poeta, não apenas por conta da passagem de um regime político autoritário (o Portugal salazarista) para um mais democrático (os anos Kubitschek), mas também, e principalmente, por causa da transição profissional, de engenheiro civil a professor de literatura.

Em agosto de 1959, Jorge de Sena veio ao Brasil para participar do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, ocorrido em Salvador, Bahia, o qual reuniu boa parte dos principais intelectuais brasileiros e portugueses de então. No evento, Sena apresentou a co-

municação “O poeta é um fingidor (Nietzsche, Pessoa e outras coisas mais)”, e foi relator de outras nove. A sua estadia se prolongou por quase dois meses, durante os quais ele passou por Recife, São Paulo e Rio de Janeiro. Em meio a palestras e reuniões, ele foi convidado por Antônio Soares Amora, diretor da recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, um Instituto Isolado de Educação Superior ligado à Universidade de São Paulo, para assumir as cadeiras de Teoria da Literatura e de Introdução aos Estudos Literários. Após certa hesitação e algumas trocas de cartas com sua esposa, Mécia, em Portugal, ele decidiu assumir o cargo e logo iniciou os trâmites para trazer a família e se estabelecer no país.

O primeiro curso que ministrou foi um de curta duração, ainda em 1959, intitulado “A criação poética e a crítica de poesia”. Daí saiu o “Ensaio de uma tipologia literária”, inicialmente de restrita circulação e que só foi incluído em livro mais de dez anos depois, quando se publicaram as *Dialécticas da literatura* (1973), onde ganhou um apêndice dedicado ao soneto “Erros meus, má Fortuna, amor ardente”. Paro nesse texto porque reconheço nele o ponto de partida, a pedra angular do edifício crítico que são os estudos camonianos de Jorge de Sena. Tal afirmação pode parecer exagerada, mas se justifica ao lermos o seguinte questionamento do autor, já quase no fim do texto: “se para ele [Camões] não serve um método, valerá a pena que sirva para mais alguém?” (Sena, 1973, p. 65). Antes de refletirmos sobre a extensão da pergunta, precisamos entender o que é, o que diz o “Ensaio de uma tipologia literária”.

Com uma extensão aproximada de oitenta páginas¹, o “Ensaio...” é dividido em cinco partes numeradas com algarismos romanos mais uma sexta, o apêndice, intitulada “Estudo tipológico de um soneto

¹ Na edição de 1973 de *Dialécticas da literatura*.

de Camões”. O assunto central é a proposição de uma tipologia capaz de caracterizar adequadamente autores e obras de qualquer tempo e lugar. O projeto tem por motivação inicial esclarecer um problema terminológico presente nos estudos literários e criar um conjunto de nomenclaturas que possam ser usadas de maneira técnica pelos críticos.

Resumidamente, o conteúdo das partes é o seguinte: a primeira delimita o problema a ser tratado, abordando suas causas e consequências; a segunda justifica uma nova abordagem, que sustente uma terminologia mais precisa; a terceira expõe vinte planos de análise divididos em quarenta pares antitéticos; a quarta acrescenta dois planos aos anteriores; a quinta recapitula todos os planos e pares apresentados e analisa brevemente dois exemplos. Por fim, o apêndice é um estudo de caso em que se aplica a tipologia a um poema, verificando como ele se posiciona em cada um dos vinte e dois planos desenvolvidos.

Qual o problema que Sena identifica nos estudos literários? O uso indiscriminado de termos que classificam e caracterizam autores, obras e períodos. Por exemplo, a palavra *romântico* pode se referir a certo tratamento estético de um tema num livro, ou a certo aspecto de um autor, ou ainda para se referir ao estilo de época que vigorou entre o final do século XVIII e a primeira metade do XIX. A falta de rigor e de consistência na aplicação dos termos provoca confusões, ambiguidades e até contradições que prejudicam o avanço das pesquisas em literatura.

O “Ensaio...” delinea um método ou abordagem que será utilizada por Sena em vários dos seus escritos, sobretudo os camonianos. Aliás, a maneira que o poeta encontra de demonstrar a pertinência dos seus planos de análise e pares antitéticos é aplicando-os a dois autores considerados acima de qualquer suspeita, “dois monstros sagrados” (Sena, 1973, p. 66): Camões e Eça de Queirós. Nesse con-

texto, chegamos àquela pergunta citada anteriormente: “se para ele [Camões] não serve um método, valerá a pena que sirva para mais alguém?” (Sena, 1973, p. 65). Gosto de identificar nessa interrogação o gesto inaugural dos estudos camonianos.

O “Ensaio de uma tipologia literária” consiste, assim, no primeiro passo de um projeto de pesquisa que se estenderá pelo resto da vida de Sena. O escritor não só revisa constantemente a sua metodologia como também expande a sua área de aplicação, partindo de Camões e chegando a uma interpretação da história de Portugal, como demonstram os *Estudos de história e de cultura* (1967).

O primeiro volume do que aqui chamo de “tetralogia camoniana”, a tese *Uma canção de Camões*, escrita em 1962 e publicada em 1966, é desenvolvido em conexão íntima com o “Ensaio de uma tipologia literária”. O estudo apresenta, pelo menos, dois objetivos centrais: oferecer um modo de resolver as questões de autoria das peças líricas atribuídas a Camões e desvendar as bases dialéticas de seu pensamento, como forma de provar o que Sena havia afirmado no texto de 1948. O que chama a atenção, porém, é a sua primeira parte, a “Introdução metodológica”. Ela traça um panorama das vertentes críticas do período, indicando seus pontos fortes e fracos, para propor um modelo crítico novo, uma crítica onto-sociológica a funcionar conjuntamente com uma crítica tipológica e estrutural. Daí que o método seniano exposto nessa parte não se limita a *Uma canção de Camões*, mas abarca todo o seu projeto de estudos literários, sobre Camões e outros autores. É, aliás, o que diz o PS do prólogo:

este livro, escrito nos primeiros meses de 1962, e ampliado mais tarde (só em notas eruditas e em alguns inquéritos entretanto completados até meados de 1964), enquanto sofreu vicissitudes e atrasos editoriais, deveria ter saído antes do prefácio às *Poesias Completas* de António Gedeão, que, aparecido em fins de 1964, tanto escândalo provocou com a sua proposta de metodologia es-

tatística [...] É certo que esse prefácio, como este livro agora, havia sido precedido pelo nosso estudo *A Sextina e a Sextina de Bernardim Ribeiro*, publicado na *Revista de Letras*, Assis, vol. IV, 1963, [...] e precedido também pela primeira parte de outro estudo nosso sobre *A Estrutura de Os Lusíadas*, aparecida na *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, nºs 21-22, Março-Junho de 1961, de que igualmente foi feita separata (Sena, 1984, p. 14-15).

Abstraídos os contratempos que atrasaram as publicações dos textos, os ensaios estariam cronologicamente organizados da seguinte maneira: “Ensaio de uma tipologia literária” (1960); *Uma canção de Camões*, com sua “Introdução metodológica” (1962); “A sextina e a sextina de Bernardim Ribeiro” (1963); “A poesia de António Gedeão” (1964); “*O sangue de Átis*, de Fraçois Mauriac” (1965). Há, no entanto, alguns elementos a serem introduzidos entre esses textos: os primeiros fascículos de “A estrutura de *Os Lusíadas*” e dos *Estudos de história e de cultura*, que estavam sendo publicados parcelarmente em revistas. 1964 é, também, o ano de defesa da tese *O soneto de Camões e o soneto quinhentista peninsular*, que só foi publicada em livro cinco anos depois.

O que eu desejo enfatizar nessa disposição temporal dos textos é o caráter de *projeto* dos estudos empreendidos por Sena. Havia, mais do que um cronograma, um mapa de pesquisa, cada parte tendo uma função específica que se conectaria a outra e, juntas, todas comporiam uma teoria da literatura e uma interpretação geral da obra camoniana. Por isso que a pergunta contida no “Ensaio...” é tão relevante. Sena viu em Camões um caso modelar de análise e, a partir dele, estruturou toda a sua crítica. A posição de *Uma canção de Camões* (1984) enquanto primeiro volume da tetralogia também se justifica porque é nessa tese, mais especificamente na sua dedicatória e no seu prólogo, que lemos quais são os principais objetivos de Sena com esse projeto.

Outros volumes se lhe seguirão, que apenas aguardam oportunidade editorial, e marcam degraus sucessivos até a realização final a que visam: uma edição crítica da obra lírica de Camões, e, depois, da obra épica e dramática. (...) Sem as cátedras que o Brasil me ofereceu, eu não teria podido realizar e coordenar tantos planos de trabalho da minha vida (Sena, 1984, p. 9).

A dedicatória, endereçada ao crítico brasileiro Antonio Candido, revela o ponto de culminação desses “degraus sucessivos” de estudos e análises, assim como realça a importância do Brasil no empreendimento. Na prática, o emprego de professor permitiu a saída de Portugal e os estudos camonianos. Por isso, a docência, o exílio e o ensaísmo, em Sena, estão intrinsecamente vinculados. Pelo trecho também entendemos a razão para o poeta ter escolhido começar seus trabalhos com a lírica de Camões, e daí terem resultado as teses de 1962 e 1964. Considerando que, para uma análise geral da obra do autor de *Os Lusíadas* era preciso fixar os textos, a primeira tarefa seria desenvolver um modo de estabelecer seguramente a autoria das canções, odes e sonetos atribuídos a ele. A epopeia, por sua vez, não demandaria esse trabalho, visto que não havia dúvidas quanto a autoria e o texto fora publicado ainda em vida do poeta, diminuindo consideravelmente o grau de incertezas. Já no prólogo, lemos o seguinte:

o presente estudo visa dois objectivos contíguos: estabelecer e aplicar, desenvolvendo-o, um método global de investigação crítica, e contribuir, por esse meio, para o conhecimento do maior escritor de língua portuguesa e um dos maiores do mundo: Camões.

(...)

Na 1ª parte, que é uma introdução metodológica, expomos a nossa posição crítica em relação à situação do criticismo contemporâneo, tendo em vista, logo desde início, que é Camões o nosso maior objectivo concreto. A exposição, do mesmo passo que ob-

serva e critica, procura traçar as linhas gerais de uma metodologia empenhada na análise estrutural do objecto estético, considerado como um todo orgânico (Sena, 1984, p. 11-12).

Esta é a realização máxima almejada por Sena: a criação de um “método global de investigação crítica” a ser aplicado aos mais diferentes autores, às literaturas nacionais e à História. Para isso, porém, era necessário que ele fosse utilizado para o estudo do “maior escritor de língua portuguesa e um dos maiores do mundo”. A centralidade de Camões no pensamento crítico de Jorge de Sena, que aparece sob a forma da pergunta (“se para ele não serve um método...”) está exposta em carta a Eduardo Lourenço, na qual o poeta afirma:

se me centrei em Camões, numa das minhas direcções, é porque o admiro tremendamente, tenho pena de que tão grande poeta tenha nascido português e para pasto de raça tão ordinarizada, e porque, sendo o maior e o eixo da nossa literatura, é em relação a ele que tudo tem de ser feito (Lourenço, 2020, p. 230).

Chamo a atenção, aqui, para a noção de *eixo*. Com efeito, esse é o lugar assumido por Camões nos estudos de Sena. Ele é uma referência, um modelo, um exemplo, a base a partir da qual “tudo tem de ser feito”. Daí que essa tetralogia não só almeja uma reconsideração ampla de tudo o que foi produzido sobre o poeta quinhentista até então, como também procura ultrapassá-lo e compreender a sociedade portuguesa, a cultura portuguesa, a própria história de Portugal. Para tanto, Sena entendeu que precisava recorrer aos mais variados expedientes teóricos e críticos: genealogias, estatísticas, esoterismos, filologias, entre outras áreas que a pesquisa suscitava investigar.

Desse movimento, um dos pontos de chegada que melhor expressam a figura de Camões enquanto eixo é o texto “Ascendentes e parentes de Camões, *Os Lusíadas*, e o mais que adiante se verá”, primei-

ra parte de *A estrutura de “Os Lusíadas” e outros estudos camonianos e de poesia peninsular do século XVI*. O livro foi publicado apenas em 1970, mas as duas primeiras partes haviam aparecido em edições da *Revista do Livro*. Esta primeira parte, aliás, coincide temporalmente com a redação de *Uma canção de Camões*. Nela Jorge de Sena traça a genealogia da família paterna do poeta, começando com seu trisavô, Vasco Pérez de Camões, que partira da Galiza em direção a Portugal no século XIV, e a estende a fim de mostrar que vários dos heróis louvados na epopeia mantinham algum nível de parentesco com Camões. Nesse ensaio, Camões é literalmente um eixo a partir do qual se pode compreender a dinastia de Avis, a empresa ultramarina e a derrocada em Alcácer-Quibir que levava à monarquia dual.

Camões escreveu para cantar e glorificar esse seu mundo e para celebrar-se a si mesmo compensatoriamente: que o poema se tenha tornado nacional foi obra do espírito senhorial da nossa história portuguesa, que na epopeia se via promovido a filosofia da História Universal, e da vaidade nacionalista com que a sociedade burguesa e liberal do século XIX procurou absorver e fazer sua uma glória épica em que Portugal era representado apenas pelos seus senhores (Sena, 1970, p. 39).

Mais adiante, Sena ainda completa:

quem é, na sua esmagadora maioria, esta numerosa multidão de duques, marqueses, condes, senhores disto e daquilo, comendadores, regedores de justiças, escrivães de puridade, mordomos-mores, governadores, capitães, etc., que constitui o lado genealogicamente dourado da parentela de Camões, juntamente com os descendentes, os primos, os primos dos primos, os cunhados e concunhados? *Uma interessantíssima amostra da história portuguesa desde os fins do século XIV aos fins do século XVI*. Mais: eles são a história portuguesa desses duzentos anos (Sena, 1970, p. 39).

O último período desta passagem é altamente significativo. Aqui a sobreposição entre a vida de Camões, *Os Lusíadas* e a história portuguesa é quase total. Pode-se interpretar que, da interpretação do épico se chega ao poeta, deste se chega à sua época, à sua sociedade e, por fim, se entende as transformações históricas pelas quais passou. Além disso, Sena ainda faz questão de desvencilhar a sua visão do poeta daquela erigida ao longo do século XIX, que se apropriava da sua figura para fins políticos imediatos. Camões não foi nem um pobre coitado a viver de esmolas, nem um membro da alta aristocracia completamente desvinculado do povo. Talvez seja essa posição intermediária que o torne tão propício para se interpretar o seu contexto.

Se a figura de Camões é central para a crítica literária e histórica de Sena, a sua epopeia o não será menos. No entanto, diferentemente do que se passava com a lírica, às voltas com obras apócrifas e de autoria duvidosa, a épica suscitava outros problemas. Na visão do ensaísta, o texto épico era abordado mais no seu conteúdo do que na sua forma. Melhor dizendo, havia certa pressa ou displicência na análise da forma para se focar no conteúdo, estudando-se mais o contextual do que o textual.

De *Os Lusíadas* tem-se estudado tudo: a fauna e flora, a astronomia, a geologia, e, vastamente, as ‘fontes’. Tem-se discutido se é ou não um poema épico, se o papel do maravilhoso é feliz ou infeliz artisticamente, e a última moda é que, de tão feliz, as personagens de carne e osso são as que não têm, a comparar com os ‘deuses’, carne e osso nenhuns. [...]

Não se trata de discutir o que está mais ou menos bem realizado naquele texto composto de 8816 versos. Trata-se, apenas, de observar, *estruturalmente*, o que Camões fez (Sena, 1970, p. 57).

Essa é a razão principal do título *A estrutura de “Os Lusíadas”* (1970). A intenção de Sena era compreender como a epopeia foi com-

posta, desde a sua divisão em 10 cantos, passando pelo número de estâncias em cada canto, até as posições dos episódios na arquitetura geral do poema. E este é o termo utilizado pelo autor, que analisa o épico enquanto um “prodígio de *arquitectura significativa*” (Sena, 1970, p. 57). Importante salientar que, embora o termo “estrutura” estivesse em voga nos anos 1960, devido à ascensão do estruturalismo francês, o seu uso por Jorge de Sena era mais idiossincrático do que de filiação àquela corrente teórica. Não que ele desconhecesse o estruturalismo, mas a sua metodologia crítica fora elaborada em paralelo, de maneira até precursora, uma vez que, como vimos, os primeiros fascículos foram publicados ainda em 1961.

Entre *Uma canção de Camões* (1984) e *A estrutura de “Os Lusíadas”* (1970), está *O soneto de Camões e o soneto quinhentista peninsular* (1969), tese que garantiu o título de Doutor e de livre-docente a Jorge de Sena, defendida em 1964 e publicada como livro em 1969. Ele dá continuidade à investigação da poesia lírica do autor quinhentista, dessa vez com a parte mais conhecida. Assim como em *Uma canção de Camões* (1984), nessa tese Sena estuda o processo de constituição do gênero, a sua introdução na Península Ibérica, a sua introdução em Portugal, seus principais praticantes, e, a partir de análises rítmicas, rítmicas, temáticas e vocabulares, procura descobrir um meio de confirmar a autoria dos textos apócrifos. Percebe-se que essa obra guarda muitas proximidades com a tese anterior, mudando “somente” o *corpus* principal. Isso se dá, é claro, pelo fato de ambas se dedicarem à lírica camoniana, mas também porque havia aquele desenho inicial do projeto de pesquisa, que primeiro se debruçava na poesia lírica, então na épica e, por fim, no teatro (esta parte Sena não chegou a realizar).

Em *Os sonetos de Camões* (1969), mais especificamente no prólogo, encontramos passagens que demonstram o pensamento interconectado de Sena, que estabelece ligações com seus outros textos sobre

o poeta, e também a consciência de que se tratava de um projeto de pesquisa inacabável. É curioso notar como Jorge de Sena tinha uma meta tão ambiciosa, refundar o camonismo através da edição crítica de todas as obras do poeta, e ao mesmo tempo sabia que ela era inalcançável.

Uma e outra das obras não eram, em 1962-64, as minhas primeiras incursões na tão exclusiva cavalaria de Áugias, que o ‘camonismo’ se tornara nas últimas décadas, apesar de notáveis esforços e admiráveis trabalhos que, todavia, não haviam conseguido quebrar as barreiras académicas. Não só porque eu não sou o Hércules mitológico, mas também porque o dito camonismo possui um teimoso pó de séculos e um renitente ranço de mediocridade, capazes de contaminar mesmo os mais infensos, a limpeza da cavalaria não fui capaz de fazê-la num só dia, nem a farei numa vida, nem só eu (Sena, 1969, p. VII).

Referindo-se aos artigos que publicara nos anos mencionados, Sena recupera a sua primeira proposição interpretativa sobre o autor d’*Os Lusíadas*, aquele ensaio de 1948 que revelava um pensamento dialético em Camões. O mais importante do trecho, no caso, é a sua analogia com Hércules e as cavaliarias de Áugias. Ele, não sendo herói mítico, entendia ser incapaz de, sozinho, quebrar a tradição camonista com que se via às voltas. O projeto precisava ser coletivo. Daí que, se a ambição inicial era grandiosa demais, o objetivo concreto era mais humilde: contribuir para um melhor conhecimento da obra camoniana, estabelecer bases para que outros estudiosos, contemporâneos e futuros, pudessem avançar, mantendo a vitalidade das pesquisas e a pertinência da poesia de Camões nas literaturas de língua portuguesa. Em última instância, todo o projeto metodológico e crítico seniano visava enfatizar a importância do estudo sério, do rigor, da dedicação, mais do que da polémica, do impressionismo e, principalmente, da apropriação ideológica.

O quarto volume dessa tetralogia, na verdade, ocupa um lugar movediço. Trata-se dos *Estudos sobre o vocabulário de “Os Lusíadas”*, publicado postumamente em 1982. A sua organização e edição se deve aos esforços de Mécia de Sena e de Luís de Sousa Rebelo, que entregaram a obra o mais completa possível, ainda que inacabada. A proposta do livro, em linhas gerais e já indicada no título, era interpretar a epopeia a partir de algumas frequências vocabulares significativas, como os verbos mais utilizados, palavras de alta densidade semântica e termos que revelariam a mundividência camoniana. Conforme Sena (1982, p. 26) diz:

se o nosso estudo de ‘a estrutura de *Os Lusíadas*’ pretendeu ser uma explicação da arquitectura do poema, e também um guia de leitura das suas sucessivas partes componentes, esta presente sequência de estudos, transportando a análise para a organização vocabular através de numerosas séries ou áreas semânticas, pretende pôr em relevo a tessitura estilística em que a abstracção arquitectónica se concretiza.

Segundo Luís de Sousa Rebelo, no prefácio do livro, o objetivo de Sena, ou pelo menos um deles, era demonstrar, pela análise das ambiguidades vocabulares da epopeia, que Camões era cristão-novo. Essa tese, que não é exclusiva de Sena², não chega a ser inteiramente demonstrada, uma vez que o livro não se concluiu e o processo de raciocínio que conduziria a tal postulação era muito próprio do autor, que deixou apenas indícios e interpretações ao longo das suas 400 páginas. Um dado que sobressai na leitura dos capítulos é o emprego da aritmosofia para se entender certos usos e certas ocorrências de palavras. A aritmosofia é uma vertente da numerologia, portanto, do

² Podemos citar, por exemplo, *O labirinto camoniano e outros labirintos* (1985), de Fiama Hasse Pais Brandão.

pensamento esotérico, que estabelece relações entre números e palavras por meio da sua disposição no texto, por exemplo, a quantidade, a frequência, a ordem, a proporção. Ela já havia sido empregada por Sena em “a estrutura de *Os Lusíadas*” e aqui reaparece, mostrando como o ensaísta recorria a todo tipo de conhecimento que julgasse auxiliá-lo na interpretação da obra.

Por fim, se Jorge de Sena não chegou a realizar a sua sonhada edição crítica, fato é que seus ensaios se tornaram incontornáveis para os estudos camonianos. Não só pela extensão, mas também, e principalmente, pelo rigor crítico, pelo esforço teórico, pelo olhar abrangente, pela atenção cuidadosa. Talvez o maior legado dessa tetralogia, aliada aos ensaios de *Trinta anos de Camões* (1980) e aos textos literários, seja o modelo de análise que ela oferece. Com esses estudos, aprendemos a estudar Camões e, por que não, a estudar literatura em geral. Compreender a centralidade do poeta quinhentista na cultura portuguesa é também entender a profunda interconexão que há entre as áreas do saber humano: a sociedade, a história, a ciência, a religião, a economia. Após esse périplo, a impressão final se assemelha bastante à inicial. Nas palavras de Vergílio Ferreira: “o que V. tem a dizer sobre Camões é perturbante e ‘monumental’” (Sena; Ferreira, 1987, p. 136).

Com efeito, os estudos camonianos de Sena são um verdadeiro monumento: homenagem e proeza de engenho.

RECEBIDO: 01/03/2025

APROVADO: 04/03/2025

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Fiama Hasse Pais. *O labirinto camoniano e outros labirintos*. Lisboa: Editorial Teorema, 1985.

LOURENÇO, Eduardo. *Obras completas de Eduardo Lourenço X: Jorge de Sena, contemporâneo capital*. Organização, introdução e notas: Gilda Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2020.

LOURENÇO, Jorge Fazenda. Lendo Jorge de Sena leitor de Fernando Pessoa. *Pessoa Plural*, n. 2, p. 88-114, 2012.

SENA, Jorge de. *A estrutura de “Os Lusíadas” e outros estudos camonianos e de poesia peninsular do século XVI*. Lisboa: Portugália Editora, 1970.

SENA, Jorge de. *Dialécticas da literatura*. Lisboa: Edições 70, 1973.

SENA, Jorge de. *Estudos sobre o vocabulário de “Os Lusíadas” com notas sobre o humanismo e o exoterismo de Camões*. Lisboa: Edições 70, 1982.

SENA, Jorge de. *Os sonetos de Camões e o soneto quinhentista peninsular*. Lisboa: Portugália Editora, 1969.

SENA, Jorge de. *Uma canção de Camões*. Lisboa: Edições 70, 1984.

SENA, Jorge de; FERREIRA, Vergílio. *Correspondência*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.

MINICURRÍCULO

LUCAS LAURENTINO é Doutor em Literaturas Portuguesa e Africanas pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde também fez o Mestrado e a Graduação, tendo desenvolvido pesquisas dedicadas ao poeta português Jorge de Sena em diálogos interdisciplinares com a filosofia e a pedagogia. Integra o Grupo de Estudos em Cultura Pop, sediado na Faculdade de Letras da UFRJ, e administra, sob a supervisão de Gilda Santos, o site *Ler Jorge de Sena*.